

Lourenço; (ix) a panorâmica das edições da epopeia camoniana; e (x) a problematização do ensino de Camões.

No actual panorama de língua portuguesa, não se encontra outra obra recente que seja comparável, podendo este volume funcionar como informada, segura e acessível informação crítica e pedagógica sobre *Os Lusíadas* de Camões, sua génese, composição e recepção. Problematizar questões centrais acerca do ensino de um autor central do cânone como Luís de Camões é um dos grandes méritos deste volume. Outro mérito muito apreciável reside no registo discursivo adoptado: tornar simples o que é complexo é uma arte ao alcance de muito poucos.

Barbara Gori, Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de Renunciar. Estudos sobre a Prosa, Lisboa, Edições Colibri, 2022, 254 pp.

José Vieira
Cátedra Manuel Alegre, Universidade de Pádua
jose.vieira@unipd.it

O início de um dos maiores romances da literatura universal, *Anna Karénina*, de Tolstói, dá-se com uma frase lapidar, não só pelo seu alcance, mas também pela sua representatividade: “Todas as famílias felizes se parecem umas com as outras, cada família infeliz é infeliz à sua maneira”.

De facto, não são nem a felicidade nem a alegria constante os grandes motivos da arte e da literatura. Pelo contrário, são o sofrimento e a luta pelo sentido das coisas e pelo sentido da vida, espelho da condição humana, os temas que movem pintores, músicos, escritores e *tutti quanti*.

Mário de Sá-Carneiro, representante da alta literatura europeia modernista, insere-se neste plano, seja pela sua vida breve, de 25 anos incompletos, terminada num quarto de hotel, seja pela sua escrita e pela imagem que nela plasma daquilo que deve ser o artista e o sujeito

da modernidade nascida e criada depois de Baudelaire, entre os boulevards de Paris e a Praça do Comércio em Lisboa.

Em *Mário de Sá-Carneiro e a Impossibilidade de renunciar. Estudos sobre a Prosa*, de Barbara Gori, deparamo-nos com um estudo profundo, sério e coerente sobre a prosa do autor d'*A Confissão de Lúcio*. Mais conhecido pela sua poesia de teor decadentista-simbolista, Sá-Carneiro foi também um exímio contador de narrativas breves, como Gori reflete na sua análise.

O livro encontra-se dividido em duas grandes áreas temáticas, qual pêndulo que vai e volta. Ambas as partes se complementam e completam-se. Num primeiro momento, o estudo debruça-se sobre a imagem do artista moderno, não esquecendo a contextualização e os precedentes históricos, culturais, artísticos, filosóficos e estético-literários.

O advento do Modernismo é um ponto de chegada e uma referência que marca uma nova época. Filho direto da especulação finissecular, este novo tempo canta o progresso científico e tecnológico, a industrialização que leva ao capitalismo de produção, assim como a crença positivista de que através da ciência e das suas invenções — os transatlânticos, a aviação, a medicina, etc. — o homem chegaria à felicidade plena.

Por outro lado, este é um tempo de rutura e perda das crenças nas grandes narrativas. A mesma ciência não previra a guerra e o abalo do mundo a partir da tecnologia, utilizada agora para destruir cidades inteiras. As ciências das profundezas, a psicanálise e o estudo do subconsciente ganham não só adeptos, como teóricos e seguidores.

Ora, é neste contexto que a relação do artista com a vida, com a morte e com o suicídio aparecem renovadas.

Como escreve Gori, Mário de Sá-Carneiro foi, como nenhum outro, ou talvez a par com Fernando Pessoa, “capaz de acolher, assimilar e representar de uma forma tão ampla, profunda e finamente sentida toda a crise da vocação do artista moderno” (p. 11).

A imagem do artista desolado, mas que vive ao mesmo tempo na grande cidade moderna e dentro de si próprio, pois desde a perda da auréola do poeta de Baudelaire que o artista vive condenado ao anonimato, desenrola-se, afirma a estudiosa, “inteiramente segundo estes dois grandes ritmos pendulares: entre uma tendência para fugir do mundo e da vida, entregando-se à arte, e a tendência oposta, para

procurar a arte nos meandros mais obscuros, esquivos, umbráteis e misteriosos da vida” (p. 29).

A produção literária de Mário de Sá-Carneiro é maioritariamente criada em apenas 4 anos, entre 1912 e 1916. Uma das teses de Barbara Gori, que é aliás, a par da imagem do artista moderno, uma das novas linhas de pesquisa e um novo horizonte de expectativa criados em torno da obra de Sá-Carneiro, é a de que a sua obra em prosa é um “grande romance-fresco sobre o artista moderno, porque, apesar de não o ser no género, é-o certamente nos seus conteúdos e nas suas personagens, e por causa dos seus conteúdos e das suas personagens” (p. 12).

A segunda parte da obra, relacionada com o estudo sobre a imagem do artista, é uma análise a diversas personagens, todas elas artistas, presentes em *Princípio: novelas originais* (1912), *A Confissão de Lúcio* (1914) e *Céu em Fogo* (1915).

De acordo com Gori, Mário de Sá-Carneiro projeta em todas as suas personagens e em todas as suas histórias uma solidão que no fundo é também a sua solidão: a do artista moderno” (p. 32).

A reflexão em torno do volume *Princípio: novelas originais* é um estudo inovador por duas razões: não só porque é a obra menos conhecida e estudada do artista, mas também por apresentar uma transformação mental e estética no percurso de Sá-Carneiro, possivelmente velada por decisão de Fernando Pessoa (p. 107), seu amigo íntimo, que, após o suicídio deste na capital francesa, decide compilar a obra somente com textos escritos em Paris, criando, deste modo, o mito Sá-Carneiro: o do artista mundano, viajado e cosmopolita, o que acaba por contrariar aquilo que o autor de *Mensagem* viria a escrever anos depois em *Textos de Crítica e de Intervenção*: “Recordo-me de que uma vez, nos tempos do *Orpheu*, disse a Mário de Sá-Carneiro: «V. é europeu e civilizado, salvo em uma coisa, e nessa V. é vítima da educação portuguesa. V. admira Paris, admira as grandes cidades. Se V. tivesse sido educado no estrangeiro, e sob o influxo de uma grande cultura europeia, como eu, não daria pelas grandes cidades. Estavam todas dentro de si»”.

Esta coleção de contos adianta, desde logo, o Sá-Carneiro interessado na imagem do artista moderno e na cisão irreparável entre vida e arte. Sendo a arte e a vida inconciliáveis, como fica explícito com a personagem Lourenço Furtado, como, de resto, está presente em todas as outras personagens das diferentes obras analisadas, o suicídio surge como única via possível.

Sá-Carneiro “morre várias vezes e várias ressuscita, porque apesar de morrer com cada personagem suicida que a sua fantasia literária cria, de cada vez encontra força para se erguer e continuar a criar (...) outras personagens suicidas” (p. 143). Tal como Sísifo carrega a sua pedra até ao topo da montanha para momentos depois, a pedra voltar ao princípio do caminho, assim o faz Sá-Carneiro com todas as suas personagens, pedras que carrega nos seus textos até ao topo da montanha, até ao seu próprio suicídio, talvez a concretização última do ideal de Sísifo e do artista moderno: a consubstanciação literária.

Importância integradora para este volume é também a tradução escorreita levada a cabo por Maria da Graça Gomes de Pina, tendo em consideração que o título original fora publicado em italiano, pela Mimesis Edizioni, em 2019.

O estudo feito por Barbara Gori vem, portanto, acrescentar novas luzes e caminhos ao longo e intrincado labirinto que é a literatura modernista portuguesa, dando, uma vez mais, razão às palavras iniciais do insuperável romance de Tolstoi.

Gilberto Mendonça Teles, *Vanguarda europeia & modernismo brasileiro* (21ª edição, Edição ampliada), José Olympio, 2022, 656 pp.

Juan M. Carrasco González
Universidad de Extremadura
jcarrasc@unex.es

En 1972 salió publicado por vez primera el libro *Vanguardia europea & modernismo brasileiro* del profesor, crítico y poeta Gilberto Mendonça Teles. Como él mismo informa en la “Nota para a 3ª edição”, se quiso que su lanzamiento coincidiese con el cincuentenario de la *Semana de Arte Moderna*, celebrada en São Paulo en febrero de 1922, que es una referencia indispensable en la ruptura con las artes y las letras más tradicionales de aquel país, un impulso a la difusión del